

Médio Oriente

Mais do mesmo!

George Henderson

Poucas mudanças deverão sair das eleições em Israel e na Palestina. Sharon não tem adversários suficientemente fortes e Arafat, mesmo com todas as tentativas israelo-americanas, continua a ser o símbolo das aspirações palestinianas.

Janeiro será um mês recheado de acontecimentos para israelitas e palestinianos. As eleições em Israel são consequência da decisão do Partido Trabalhista de abandonar a sua vergonhosa parceria com o Likud, após ter descoberto subitamente que o apoio financeiro aos colonatos nos territórios ocupados estava a aumentar. É certo que esta não tem sido uma preocupação muito presente e anteriores governos trabalhistas foram proponentes muito entusiastas da construção de colonatos, particularmente depois de 1993 e dos Acordos de Oslo. Agora, no entanto, o entusiasmo de Sharon por “criar factos” foi mais longe do que o que Perez – que nunca foi particularmente conhecido pela sua vontade de abandonar o poder – poderia suportar.

No caso palestiniano, a situação é relativamente diferente, pois as eleições não serão só para o conselho legislativo – o equivalente, na Autoridade Palestiniana, a um parlamento, segundo os Acordos de Oslo – mas também para a presidência. Por outro lado, as eleições não são resultado de um normal preceito constitucional, pois resultam da desastrosa situação que resultou da bem sucedida campanha mediática e diplomática de Sharon – com o total apoio americano – para desacreditar o líder palestiniano. No essencial, Ariel Sharon tornou Arafat pessoalmente responsável pela violência que explodiu nos Territórios Ocupados após o agora primeiro-ministro israelita ter conseguido que o seu antecessor, Ehud Barak, o autorizasse a visitar a Haram ash-Sharif – a Esplanada das Mesquitas – acompanhado por 1000 polícias e soldados. Foi somente após a morte de 13 manifestantes desarmados por forças de segurança israelitas nos confrontos que se seguiram que os palestinianos começaram a responder com violência.

Arafat, confrontado com o falhanço das conversações de Camp David, no Verão de 1999, e das negociações de Taba, em Janeiro de 2000, pode não ter tentado, inicialmente, parar a violência. Já estava a ser acusado pelos Estados Unidos e por Israel

de recusar o que ambos os países consideravam uma oferta muito generosa – apesar de o presidente Clinton ter originalmente prometido que ele não seria transformado no bode expiatório do falhanço e de os palestinianos não terem considerado a oferta nada “generosa”. Não há dúvida, assim, que o caminho mais fácil para ele foi deixar que os acontecimentos seguissem o seu curso, na esperança de que o governo israelita tomasse consciência do potencial de violência presente, em caso de ausência de acordo.

Tragicamente, Arafat não podia estar mais enganado. Hoje, após a morte de mais de 2.000 palestinianos, com 40.000 feridos, em comparação com os 600 israelitas mortos, Arafat contempla, do seu destruído quartel-general na Muqat‘a, em Ramallah, a destruição do embrionário Estado que tinha criado. A destruição não é somente física – os palestinianos perderam apoio internacional, particularmente nos Estados Unidos, e Ariel Sharon conseguiu transformar o único líder democraticamente eleito, de forma genuína, do mundo Árabe, num pária internacional. Assim, quando Tony Blair decidiu invocar o bálsamo calmante da diplomacia britânica para dar o pontapé de saída do defunto processo de paz de Oslo, convidou para Londres líderes palestinianos, mas não Yasser Arafat. Israel declarou que não participaria, pelo que o exercício é puramente hipotético, mas, no entanto, o insulto implícito a Arafat foi demasiado forte para passar despercebido.

Quanto ao Presidente Bush, há muito que descartou Arafat, falando dele com distanciamento e recusando-se a encontrá-lo, ao mesmo tempo que descrevia Sharon como “homem de paz”. Mas, as atitudes de George Bush foram condicionados pelas suas próprias crenças cristãs, nas quais há pouco espaço para os palestinianos; por outro lado, tem o apoio dos seus colegas neo-conservadores, que acreditam firmemente na legitimidade do Estado de Israel e numa correspondente ilegitimidade das exigências palestinianas. Bush, além do mais, estava decidido a não repetir os erros do seu antecessor e, assim, negligenciou deliberadamente a questão palestiniana nos primeiros nove meses do seu mandato. Quando foi forçado a retomá-la, estava-se já no contexto do 11 de Setembro e, na nova agenda, é inadmissível violência terrorista de qualquer tipo, se bem que não tenham sido impostos quaisquer constrangimentos a Ariel Sharon.

O desfecho desta parcialidade foi o “Quarteto” – Nações Unidas, União Europeia, Estados Unidos e Rússia –, visto por muitos como uma moderação da hostilidade americana em relação aos palestinianos mas que é, na realidade, a adopção de uma agenda israelo-americana, pois incorporou a visão que Arafat traiu a sua liderança ao

unir-se ou, pelo menos, ao tolerar, a violência palestina. E, no entanto, os palestinos foram vítimas da agressão israelita e a constante difamação relativamente às suas exigências durante a última década é largamente responsável pela actual crise de violência. Yasser Arafat, por outro lado, não tinha condições para controlar muito. As suas estruturas administrativas e de segurança foram esmagadas e a violência palestina fragmentou-se. Depois do Hamas e da Jihad Islâmica, há agora as Brigadas de al-Aqsa e as Fatah-Tanzim – ambas com origem no seu próprio movimento político, a Fatah, mas que já não reconhecem a sua autoridade sobre a sua violência.

A solução encontrada pelo “Quarteto” foi a convocação de eleições para substituir a deslegitimada liderança palestina e para eleger um novo conselho – com determinadas condições. Depois, será proposta uma via para a paz, envolvendo o Estado palestino “provisório” do Presidente Bush ou, talvez, o estado vassalo, truncado e fragmentado de Ariel Sharon, em 40 ou 50% dos Territórios Ocupados. Por outras palavras, os palestinos devem merecer os seus direitos – o que é a posição adoptado por George Bush. O único problema deste cenário é que as eleições terão, muito provavelmente, um único vencedor – Yasser Arafat! A verdade é que, mesmo no seu esvaziado e abatido Estado, Arafat ainda é a única pessoa que encarna as esperanças e aspirações palestinas e vencerá a eleição presidencial. O novo conselho legislativo pode muito bem ser diferente, pois é provável que todos os membros acusados de corrupção sejam afastados, bem como muitos dos “homens de Tunis” – os que regressaram aos Territórios em 1993. É provável que mesmo concorrentes óbvios à presidência – como Mohamed Dahlan, antigo chefe da segurança em Gaza, Rachid Raghoub, o seu homólogo na Cisjordânia, ou antigos líderes da OLP como Abu Mazin ou Abu Ala – se afastem e Mahmoud Barghouti, a última, e melhor, esperança de Israel para uma efectiva liderança alternativa, foi detido por Sharon.

Quanto a Sharon, quais são as perspectivas eleitorais após 2 anos de escalada de violência, apesar de ter prometido o seu fim? Parece que em Israel não existe um custo para o falhanço e Ariel Sharon, após ter visto afastado o seu adversário à liderança do Likud, Benjamim Netanyahu, pode esperar uma confortável vitória em Janeiro. O novo líder dos Trabalhistas, Amram Mitzna, não ameaça a sua vitória e mesmo adversários fortes, como Yossi Beilin, se afastaram. É improvável que Sharon repita a experiência de um governo de coligação Trabalhistas-Likud, pelo que a alternativa será um governo mais de extrema-direita, ainda menos disposto a ponderar uma abordagem realista ao

problema palestino. E nem Washington nem o “Quarteto” o forçará a fazê-lo. Pelo contrário, o que se antevê é mais do mesmo – intransigência israelita, violência palestina, incompreensão ocidental e arrogância, com consequências futuras incalculáveis.